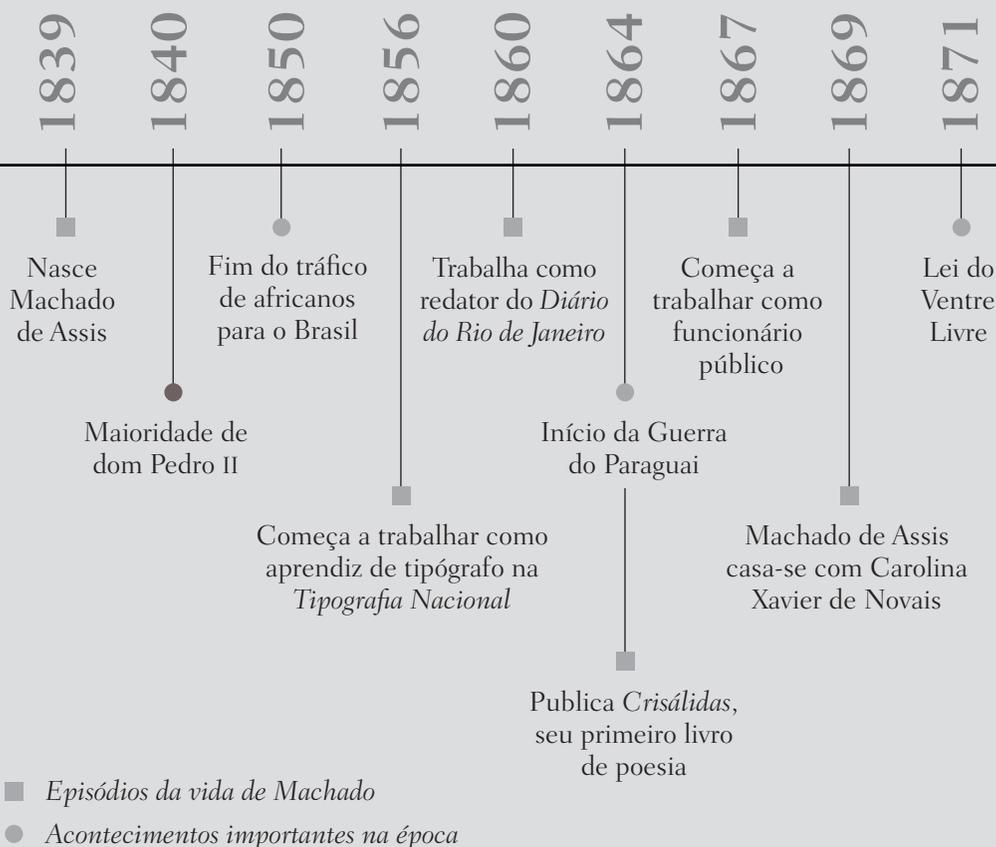
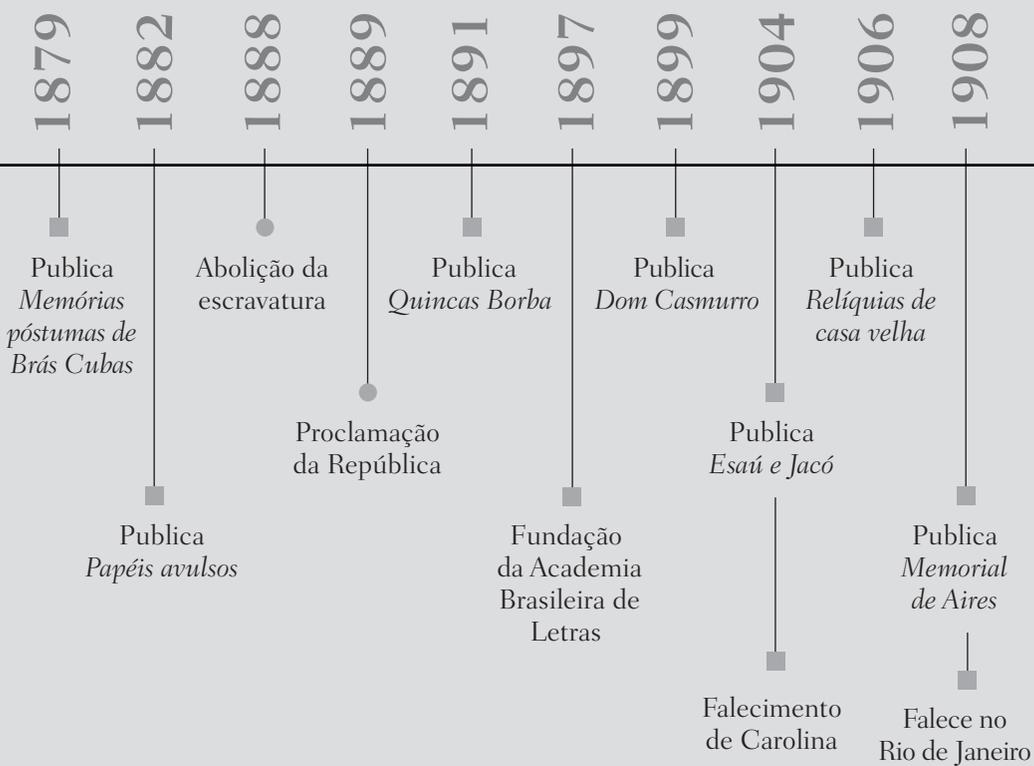


LINHA DO TEMPO





4

O BRUXO DO COSME VELHO



O dia 13 de maio de 1888 foi um marco na vida de Machado de Assis. Durante muito tempo ele se recordaria daquele domingo de muito sol, quando a princesa Isabel assinou a Lei Áurea, que aboliu a escravidão no país. Todos saíram à rua para comemorar, até ele, “o mais encolhido dos caramujos”. Para um caramujo, até que Machado foi ousado: desfilou em carruagem aberta! Mas a ocasião merecia. Naquele dia “tudo era felicidade, tudo era delírio”. Desde cedo mais de cinco mil pessoas aguardavam a votação da lei no prédio do Senado. Acompanharam a sessão com salvas de palmas, vivas, saudações, chuvas de flores e revoadas de pássaros.

Depois da aprovação da lei, todos saíram em cortejo para o Paço, onde a princesa Isabel ia **sancioná-la**. Foram acompanhados por duas bandas de música. No caminho podiam ver os edifícios dos jornais enfeitados com bandeiras, **galhardetes** e arcos de flores. Quando a princesa chegou, a multidão, ansiosa, ficou em silêncio. Pois bastou ela completar a assinatura para ecoar uma explosão de bravos e aplausos. A cidade nunca tinha visto festa igual! Famílias inteiras choravam de alegria. Inimigos da véspera abraçavam-se



PARA SABER MAIS

O fim da escravidão

Um dos principais motivos do interesse de Machado de Assis pela escravidão era seu olhar de jornalista, pois estava ligado às transformações políticas e sociais de seu tempo. Mas o escritor fazia mais que apenas observar os debates sobre o fim do regime escravista.

A escravidão começou a ser combatida no Brasil em meados do século XIX, por alguns políticos, advogados e jornalistas. Mas foi sobretudo questionada pelos próprios escravos e seus descendentes, que não admitiam mais prosseguir naquela condição. Da atuação de escravos e grupos abolicionistas resultou, em 1871, a lei conhecida como Ventre Livre, que considerava livres todos os filhos de escravas nascidos a partir daquela data. Além de estabelecer que “ninguém mais nasce escravo no Brasil”, como na época comemorou Nabuco de Araújo, a legislação também instituía outras medidas importantes, como a necessidade de registro (matrícula) de todos os escravos.

A aprovação de leis é fundamental para determinadas mudanças sociais. Mas sua aplicação é outro momento extremamente importante. Tanto que muitas vezes, quando deputados ou senadores não concordam com um projeto de lei, argumentam que ela não vai pegar.

No caso da Lei do Ventre Livre, o maior desafio era registrar todos os escravos existentes no Império. Os que não fossem matriculados pelos proprietários no prazo de um ano seriam considerados livres. Houve uma série de dificuldades nas inscrições. Em alguns municípios, a administração pública demorou a organizar-se para que os proprietários pudessem fazer o registro. Em outras localidades sequer iniciou os trabalhos. Diante desses casos, os proprietários alegavam que não tinham matriculado seus escravos por falha da administração pública. Mas eram eles mesmos que não tinham interesse em fazer isso, porque, com o registro, o Estado teria controle sobre os filhos das escravas nascidos livres e mantidos junto às suas mães (e aos senhores) até a idade de oito anos ou até os 21 (se os senhores quisessem utilizar os seus serviços).

Uma das funções de Machado de Assis no Ministério da Agricultura, onde estava desde 1876, era justamente acompanhar a aplicação da nova lei sobre a **emancipação** dos escravos, ver se ela estava sendo cumprida corretamente nas várias regiões do país, e principalmente opinar sobre as disputas entre escravos e senhores. Como defendia a aplicação rigorosa da lei, favoreceu a liberdade de muitos cativos, contrariando os interesses dos grandes fazendeiros.

pelas ruas. Grupos de abolicionistas comemoravam, carregando bandeiras, dando vivas e soltando foguetes. Foi o único dia de delírio público de que Machado se lembrava ter visto.

As festas continuaram por mais uma semana, e Machado seguia participando de tudo. Foi orador de uma homenagem que os funcionários do Ministério da Agricultura fizeram a um conselheiro do imperador. Participou da missa campal oferecida à princesa Isabel. Foi almoçar na casa de José do Patrocínio. Poucos dias depois, mais um grande cortejo cívico parou a cidade, com desfile de bandas de música e sociedades recreativas. Naquele dia, poesias impres-



▪ *O Paço Imperial no dia da assinatura da Lei Áurea*

sas em papel cor-de-rosa foram distribuídas à população. Uma era de Machado. Mas quem festejava mesmo, com batuques, danças e cantos, eram os próprios escravos! Ou melhor, ex-escravos, libertos, que agora vinham se juntar aos milhares de africanos e seus descendentes que haviam conseguido se libertar nas últimas décadas. Eles engrossavam as multidões que comemoravam nas ruas.

Machado nunca fora insensível à sorte dos escravos. Nas ruas, gostava de reparar neles quando trabalhavam para seus senhores, quando se reuniam nas tardes de domingo para cantar e dançar no Campo de Santana ou então na região do porto, onde trabalhavam como carregadores, levando sacos de café e açúcar para os navios. No caminho sempre paravam para comer pirão de farinha de mandioca e angu de fubá vendidos por mulheres africanas. E ali ficavam, conversando um pouco, fumando um cachimbo, bebendo água, descansando. E sendo observados por Machado de Assis. Uma vez ele escreveu que “via um amigo em cada escravo e um escravo em cada amigo”.

A abolição acendeu sua preocupação com o futuro do imperador e do Império do Brasil. Achava que a República seria inevitável, mas que não viria por agora. Pelos seus cálculos, só dali a uns 20 anos! Achava impossível que a República fosse proclamada enquanto dom Pedro II vivesse. Não podia estar mais errado. Pouco mais de um ano depois da abolição, o imperador trilhava o caminho do exílio. Machado até tinha amigos entre os republicanos, mas não quis se envolver com o novo regime. A República mal começara, e ele já estava desiludido. O melhor a fazer era continuar a escrever. Era o que pensava. E tocava a trabalhar.

Tinha acabado de organizar a coletânea *Várias histórias*. Seu livro *Quincas Borba* também fora publicado há pouco tempo. O livro lhe rendera uma boa popularidade. Em *Quincas Borba*, Machado conta



PARA SABER MAIS

A Proclamação da República

No final do século XIX, no Brasil, um grupo de militares derrubou a monarquia e proclamou a República. **Memorialistas** e historiadores por muitos anos achavam tão natural que o Brasil fosse uma República que escreviam sobre essa mudança como se fosse acontecer de qualquer maneira. Mas novos estudos mostram que a República só foi proclamada porque um grupo de militares decidiu arriscar-se, planejar um golpe e derrubar o imperador. Isso poderia ter sido bem-sucedido ou não.

Com a Proclamação da República, o nome do país deixou de ser Império do Brasil e passou a ser Estados Unidos do Brasil. Apenas em 1967 o país ganhou o nome atual: República Federativa do Brasil. Mas quais as diferenças entre monarquia e república?

Num regime monárquico, o chefe de Estado (reis ou rainhas, faraós etc.) tem acesso ao poder por direito hereditário. Quer dizer, apenas pessoas daquela família podem se tornar chefes de Estado, que têm poder vitalício. Só depois de sua morte os filhos ou outros membros da linha sucessória assumem seu lugar.

Num regime republicano, pelo menos em tese, o chefe de Estado tem acesso ao poder por meio de eleições. Quer dizer, a princípio qualquer cidadão pode se candidatar ao cargo, não importando sua origem familiar, social ou étnica. A república se caracteriza pela rotatividade dos ocupantes no poder. Em vez de ficar no poder toda a vida, o governante desempenha essa função durante um mandato temporário. Isso é muito importante, porque garante ao povo a possibilidade de mudar o governante, caso a maioria considere que ele não está sendo bom presidente, ou se entender que há um candidato melhor nas eleições seguintes.

a história de Rubião, um homem que perde tudo na vida. Perde a fortuna, perde o amor, perde a razão. É um vencido, a quem só se devota ódio e compaixão. É neste livro que aparece sua frase mais famosa, dita pelo próprio Rubião: “Ao vencedor, as batatas.” A frase fez tanto sucesso que apareceu estampada em todos os jornais, em todas as críticas. Machado não gostou. Ficou resmungando com todos os amigos que encontrava:

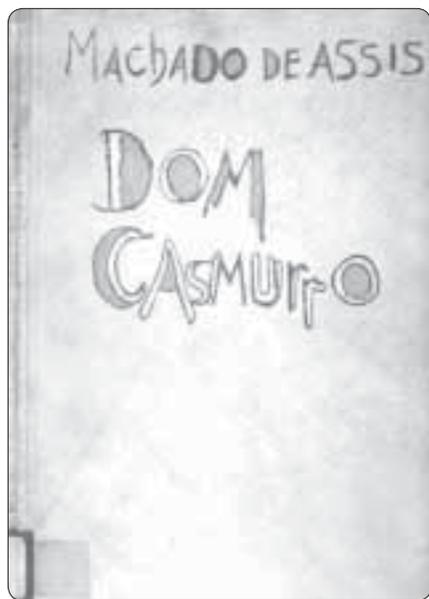
— Pois esta gente não vê que o Rubião teve as batatas e não venceu nada!

Seu mau humor era visível. Não queria que as pessoas o lessem por estar na moda. Muito menos que o elogiassem sem ter entendido nada. Melhor que não lessem. Machado acabou engolindo a raiva e passou a trabalhar em outro romance.

Quem estava com pressa para ler seus novos livros tinha mesmo que esperar sentado. Machado era o tipo do artista paciente, que escrevia muito devagar. Gostava de fazer suas anotações em folhas de papel pautado, sempre saltando uma linha, deixando espaço para as correções. E como corrigia o texto! Nunca estava satisfeito. Também não costumava trabalhar todos os dias. Às vezes deixava intervalos de dias, até de semanas. Alguns achavam que, enquanto não escrevia, ele não trabalhava. Estavam enganados. Quando não escrevia, Machado estava compondo os personagens, procurando tipos pela cidade, lendo os jornais à procura de notícias interessantes.

Mas Machado também escrevia devagar porque tinha muito trabalho no Ministério. Algum tempo atrás havia sido promovido para encabeçar a Diretoria de Comércio, o que só lhe aumentara o serviço. Depois passara a secretário do ministro de **Viação**. Apesar de já estar há quase 30 anos trabalhando, continuava pontual como um iniciante. Não faltava por nada. Só em 1900, quando o século já findava, conseguiria acabar seu próximo livro, que veio a se chamar *Dom Casmurro*.

Assim como *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba*, *Dom Cas-*



▪ Capa de Dom Casmurro

murro imediatamente se transformou num dos livros mais importantes de Machado, um verdadeiro best-seller. Antes mesmo de chegar às livrarias, dois mil exemplares já haviam sido encomendados e vendidos. E o sucesso correspondeu às expectativas. A história do triângulo amoroso entre Bentinho, Capitu e Escobar logo começou a ser comentada em toda a cidade. A trama até que era simples: Bentinho (também conhecido como Dom Casmurro), marido de Capitu, suspeita que ela o trai com Escobar. Seu ciúme é tamanho que começa a achar seu próprio filho cada vez mais parecido com o rival.

Mas é aí que Machado dá um golpe em seus leitores: apesar de todos suspeitarem do adultério, ele não dá pistas sobre o que realmente ocorreu. Capitu teria de fato tido um caso com Escobar? Ou tudo seria fruto da mente mórbida e desconfiada de Bentinho? Ninguém podia afirmar com certeza. E nem adiantava perguntar: ele jamais o diria. A graça estava justamente na **ambigüidade**.

